



Editorial

Helena Garrido
Directora-adjunta



Ganhos e perdas em tempos de troika

Os resultados do sétimo exame ao Programa de Ajustamento Económico e Financeiro são conhecidos esta semana. Estamos todos cansados de crise e, mais grave, sem esperança em dias melhores. Teremos razão? Apenas em parte. O que se passou até agora foi pior do que o esperado na economia, mas ultrapassou as melhores expectativas na frente financeira. Se a União Europeia não nos pregar nenhuma partida e se não se disparatar demasiado por causa das eleições autárquicas estão lançadas as sementes para dias melhores.

Devíamos ter tido mais tempo e mais dinheiro? Os economistas poderão um dia responder a esta pergunta: teríamos tido menos desemprego e menos recessão com mais tempo e dinheiro, para reequilibrar financeiramente o país? Intuitivamente a resposta é não. E não teríamos tido menos desemprego nem menos recessão pura e simplesmente porque a economia portuguesa estava apoiada em sectores como a construção que não conseguiam, mesmo com mais tempo e mais dinheiro, continuar a produzir.

O colossal erro cometido pela troika nas previsões para o desemprego - que em 2011 previa que a taxa de desemprego chegaria no máximo aos 12,9% em 2012, quando na realidade terminamos o ano com 15,7% ou quase um milhão de pessoas sem emprego - é revelador do estado de dependência de crédito em que estava a economia. Se juntarmos a isso o facto de o sector da construção ter sido o mais atingido, podemos facilmente concluir que mais tempo e mais dinheiro não nos garantiria nem menos recessão nem menos desemprego.

O único dado certo de mais tempo e dinheiro logo à partida teria sido arrastar por mais tempo o país nesta agonia. Neste momento podemos ao menos ter a esperança de sair da crise este ano. Optimismo? Não, não é optimismo. Existem condições para sair desta crise desde que se verifiquem dois pressupostos fundamentais: primeiro o de estabilização política da Zona Euro com um claro empenho no projecto da união monetária e segundo o de uma recuperação económica sólida dos países com maior dimensão, com especial relevo para a Alemanha.

Contrariamente ao que pode parecer neste momento, um tempo em que estamos todos demasiado zangados com a austeridade, a estratégia que o Governo seguiu até agora produziu resultados. Onde estão eles? Na acentuada descida das taxas de juro da dívida pública e no acesso ao mercado financeiro, que se vai traduzindo num alívio da restrição financeira.

Mas esse sucesso financeiro não nos paga as contas da casa, não nos garante o emprego, não cria postos de trabalho nem nos aumenta o poder de compra, diz-se um pouco por todo o lado. A estabilização financeira que se está a conquistar traduziu-se num "enorme" aumento de impostos este ano, em mais desemprego e numa recessão que em vez da queda de 4% no PIB em dois anos pode chegar aos 5 a 6%. Sem dúvida.

Mas é pela porta estabilização financeira que se caminha para a porta da recuperação económica. Com o acesso a financiamento externo a caminho de estar garantido é agora possível ter mais tempo para equilibrar as contas públicas, porque pode haver mais dinheiro através do mercado, por nossa conta e risco, e não por via da aprovação política dos países do norte da Europa.

Está dado o primeiro passo para termos mais emprego e regressarmos ao crescimento. Basta falar com algumas empresas para percebermos que nem tudo corre mal e há negócios que correm até melhor. Não vale é a pena olhar para os sectores que pertencem ao passado, como a construção. E esperemos que o Governo, na sua tentação de ganhar as eleições autárquicas e de acelerar a recuperação, não cometa o erro de orientar o pouco crédito que há para a construção.

As perdas que a troika nos impôs só se transformam em ganhos se o Governo não cometer o erro habitual do eleitoralismo que se começa a detectar em anúncios de apoios à construção. Deixem as empresas, as novas empresas, trabalhar.